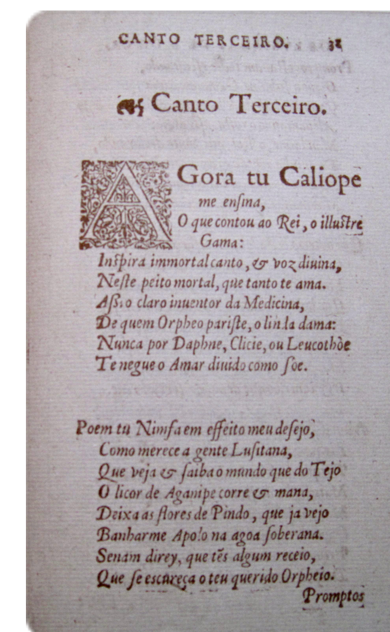


Canto Terceiro





Canto Terceiro.

AGora tu Caliope me ensina,
O que contou ao Rei, o illustre Gama:
Inspira immortal canto, & voz diuina,
Neste peito mortal, que tanto te ama.
Assi o claro inuentor da Medicina,
De quem Orpheo pariste, o linda dama:
Nunca por Daphne, Clicie, ou Leucothöe
Te negue o Amar diuido como soe.

Poem tu Nimfa em effeito meu desejo,
Como merece a gente Lusitana,
Que veja & saiba o mundo que do Tejo
O licor de Aganipe corre & mana,
Deixa as flores de Pindo, que ja vejo
Banharme Apolo na agoa soberana.
Senam direy, que tẽs algum receio,
Que se escureça o teu querido Orpheio.

Promptos

Canto Terceiro



1

Canto III

**Agora tu Calíope me ensina,
O que contou ao Rei, o ilustre Gama;
Inspira imortal canto, e voz divina,
Neste peito mortal, que tanto te ama.
Assim o claro inventor da Medicina,
De quem Orfeu pariste, ó linda Dama;
Nunca por Daphne, Clície, ou Leucothoe,
Te negue o amor devido como soe.**



2

Canto III

**Põe tu Ninfa em efeito meu desejo,
Como merece a gente Lusitana,
Que veja e saiba o mundo que do Tejo
O licor de Aganipe corre e mana,
Deixa as flores de Pindo, que já vejo
Banhar-me Apolo na água soberana.
Senão direi, que tens algum receio,
Que se escureça o teu querido Orpheio.**



3

Canto III

Prontos estavam todos escutando,
O que o sublime Gama contaria
Quando, depois de um pouco estar cuidando
Alevantando o rosto, assim dizia;
Mandas-me, ó Rei, que conte declarando,
De minha gente a grão genealogia;
Não me manda contar estranha história;
Mas mandas-me louvar dos meus a glória.



4

Canto III

Que outrem possa louvar esforço alheio,
Cousa é que se costuma, e se deseja;
Mas louvar os meus próprios, arreceio,
Que louvor tão suspeito mal me esteja,
E para dizer tudo, temo e creio,
Que qualquer longo tempo curto seja;
Mas pois o mandas, tudo se te deve,
Irei contra o que devo, e serei breve.



5

Canto III

Além disso, o que a tudo, enfim me obriga,
É não poder mentir no que disser,
Porque de feitos tais, por mais que diga,
Mais me há-de ficar ainda por dizer;
Mas porque nisto a ordem leve e siga,
Segundo o que desejas de saber,
Primeiro tratarei da larga terra,
Depois direi da sanguinosa guerra.



6

Canto III

Entre a Zona que o Cancro senhoreia,
Meta Setentrional do Sol luzente,
E aquela, que por fria se arreceia
Tanto, como a do meio por ardente,
Jaz a soberba Europa, a quem rodeia,
Pela parte do Arcturo, e do Ocidente;
Com suas salsas ondas o Oceano,
E pela Austral, o Mar Mediterrâneo.



Da parte donde o dia vem nascendo,
Com Ásia se avizinha; mas o Rio
Que dos montes Rifeios vai correndo,
Na alagoa Meótis, curvo e frio,
As divide; e o Mar, que fero e horrendo
Viu dos Gregos o irado senhorio;
Onde agora de Tróia triunfante,
Não vê mais que a memória o navegante.



8

Canto III

Lá onde mais debaixo está do Pólo,
Dos montes Hiperbóreos aparecem,
E aqueles onde sempre sopra Eolo,
E com o nome dos sopros, se enobrecem,
Aqui tão pouca força têm de Apolo,
Os raios que no mundo resplandecem.
Que a neve está contino pelos montes,
Gelado o mar, geladas sempre as fontes.



Aqui dos Cytas, grande quantidade
Vivem, que antigamente grande guerra
Tiveram, sobre a humana antiguidade,
Com os que tinham então a Egípcia terra;
Mas quem tão fora estava da verdade,
(Já que o juízo humano tanto erra;)
Para que do mais certo se informara,
Ao campo Damasceno o perguntara.



10

Canto III

Agora nestas partes se nomeia
A Lápia fria, a inculta Noruega,
Escandinávia Ilha, que se arreia,
Das vitórias que Itália não lhe nega
Aqui, enquanto as águas não refreia,
O congelado Inverno, se navega.
Um braço do Sarmático Oceano,
Pelo Brússio, Suécio, e frio Dano.



11

Canto III

Entre este Mar, e o Tanais vive estranha
Gente, Ruthenos, Moscos e Livónios,
Sármatas outro tempo, e na montanha
Hircínia, os Marcomanos são Polónios
Sujeitos ao Império de Alemanha,
São Sáxones, Boémios, e Panónios,
E outras várias nações, que o Reno frio
Lava, e o Danúbio, Amasis, e Álbis Rio.



12

Canto III

Entre o remoto Istro, e o claro Estreito,
Aonde Hele deixou, com o nome, a vida,
Estão os Traces de robusto peito,
Do fero Marte, pátria tão querida,
Onde com o Hemo, o Rodope sujeito
Ao Otomano está, que submetida,
Bizâncio tem a seu serviço indino,
Boa injúria do grande Constantino.



13

Canto III

Logo de Macedónia estão as gentes,
A quem lava do Axio a água fria;
E vós também, ó terras excelentes,
Nos costumes, engenhos, e ousadia,
Que criastes os peitos eloquentes,
E os juízos de alta fantasia;
Com quem tu clara Grécia o Céu penetras,
E não menos por armas que por letras.



14

Canto III

Logo os Dalmatas vivem, e no seio,
Onde Antenor já muros levantou,
A soberba Veneza está no meio
Das águas, que tão baixa começou
Da terra, um braço vem ao mar, que cheio
De esforço, nações várias sujeitou,
Braço forte, de gente sublimada,
Não menos nos engenhos que na espada.



15

Canto III

Em torno o cerca o Reino Neptunino,
Com os muros naturais, por outra parte,
Pelo meio o divide o Apenino,
Que tão ilustre fez o pátrio Marte;
Mas, depois que o porteiro tem divino,
Perdendo o esforço veio, e bélica arte;
Pobre está já de antiga potestade.
Tanto Deus se contenta de humildade.



16

Canto III

**Gália ali se verá, que nomeada,
Com os Cesáreos Triunfos foi no mundo,
Que do Sequana, e Ródano é regada,
E do Garuna frio, e Reno fundo;
Logo os montes da Nimpha sepultada
Pirene se alevantam, que segundo
Antiguidades contam, quando arderam,
Rios de ouro, e de prata então correram.**



17

Canto III

**Eis aqui se descobre a nobre Espanha,
Como cabeça ali de Europa toda,
Em cujo senhorio e glória estranha,
Muitas voltas tem dado a fatal roda;
Mas nunca poderá, com força, ou manha,
A fortuna inquieta pôr-lhe noda;
Que lhe não tire o esforço e ousadia,
Dos belicosos peitos, que em si cria.**



18

Canto III

Com Tingitânia entesta, e ali parece
Que quer fechar o mar Mediterrâneo,
Onde o sabido estreito se enobrece,
Com o extremo trabalhado Thebano;
Com nações diferentes se engrandece,
Cercadas com as ondas do Oceano.
Todas de tal nobreza, e tal valor,
Que qualquer delas cuida que é melhor.



**Tem o Tarragonês, que se fez claro,
Sujeitando Parténope inquieta,
O Navarro, as Astúrias, que reparo
Já foram, contra a gente Maometa,
Tem o Galego cauto, e o grande e raro
Castelhano, a quem fez o seu Planeta
Restituidor de Espanha, e senhor dela,
Bétis, Leão, Granada, com Castela.**



20

Canto III

**Eis aqui quase cume da cabeça,
De Europa toda, o Reino Lusitano,
Onde a Terra se acaba, e o mar começa,
E onde Febo repousa no Oceano;
Este quis o Céu justo, que floresça
Nas armas, contra o torpe Mauritano,
Deitando-o de si fora, e lá na ardente
África estar quieto o não consente.**



21

Canto III

Esta é a ditosa pátria minha amada,
À qual se o Céu me dá, que eu sem perigo
Torne, com esta empresa já acabada,
Acabe-se esta luz ali comigo.
Esta foi Lusitânia derivada,
De Luso, ou Lisa, que de Baco antigo,
Filhos foram parece, ou companheiros,
E nela então os Íncolas primeiros.



Desta o Pastor nasceu, que no seu nome
Se vê, que de homem forte os feitos teve,
Cuja fama, ninguém virá que dome,
Pois a grande de Roma não se atreve;
Esta, o velho que os filhos próprios come,
Por decreto, do Céu, ligeiro, e leve,
Veio a fazer no mundo tanta parte,
Criando-a Reino ilustre, e foi desta arte.



23

Canto III

Um Rei, por nome Afonso, foi na Espanha
Que fez aos Sarracenos tanta guerra,
Que, por armas sanguíneas, força e manha
A muitos fez perder a vida, e a terra;
Voando deste Rei a fama estranha,
Do Herculano Calpe à Cáspia serra,
Muitos para na guerra esclarecer-se,
Vinham a ele, e à morte oferecer-se.



24

Canto III

**E com um amor intrínseco acendidos
Da Fé, mais que das honras populares,
Eram de várias terras conduzidos,
Deixando a pátria amada, e próprios lares
Depois que em feitos altos e subidos,
Se mostraram nas armas singulares.
Quis o famoso Afonso, que obras tais,
Levassem prémio digno, e dons iguais.**



**Destes Henrique dizem que segundo,
Filho de um Rei de Hungria experimentado,
Portugal houve em sorte, que no mundo
Então não era ilustre, nem prezado;
E para mais sinal de amor profundo,
Quis o Rei Castelhano, que casado,
Com Teresa sua filha o Conde fosse,
E com ela das terras tornou posse.**



26

Canto III

Este depois que contra os descendentes,
Da escrava Agar, vitórias grandes teve,
Ganhando muitas terras adjacentes,
Fazendo o que a seu forte peito deve.
Em prémio destes feitos excelentes,
Deu-lhe o supremo Deus, em tempo breve,
Um filho, que ilustrasse o nome ufano
Do belicoso Reino Lusitano.



Já tinha vindo Henrique da conquista,
Da cidade Hierosólima sagrada,
E do Jordão a areia tinha vista,
Que viu de Deus a carne em si lavada
Que não tendo Gotfredo a quem resista,
Depois de ter Judeia subjugada,
Muitos que nestas guerras o ajudáram,
Para seus senhorios se tornaram.



28

Canto III

Quando chegado ao fim de sua idade,
O forte e famoso Húngaro estremado,
Forçado da fatal necessidade,
O espírito deu, a quem lhe tinha dado;
Ficava o filho em tenra mocidade,
Em quem o pai deixava seu traslado;
Que do Mundo os mais fortes igualava,
Que de tal pai tal filho se esperava.



29

Canto III

Mas o velho rumor, não sei se errado,
Que em tanta antiguidade não há certeza,
Conta que a mãe tomando todo o estado
Do segundo Hymeneo, não se despreza;
O filho órfão deixava deserdado,
Dizendo que nas terras, a grandeza
Do senhorio todo, só sua era,
Porque para casar seu pai lhas dera.



30

Canto III

Mas o Príncipe Afonso, que desta arte
Se chamava, do Avô tomando o nome,
Vendo-se em suas terras não ter parte,
Que a mãe com seu marido as manda e come,
Fervendo-lhe no peito o duro Marte,
Imagina consigo como as tome.
Revolvidas as causas no conceito,
Ao propósito firme segue o efeito.



31

Canto III

**De Guimarães o campo se tingia,
Com o sangue próprio da intestina guerra,
Onde a mãe, que tão pouco o parecia,
A seu filho negava o amor, e a terra
Com ele posta em campo já se via,
E não vê a soberba, o muito que erra
Contra Deus, contra o maternal amor;
Mas nela o sensual era o maior.**



32

Canto III

Ó Progne crua, ó mágica Medeia,
Se em vossos próprios filhos vos vingais
Da maldade dos pais, da culpa alheia,
Olhai que inda Teresa peca mais;
Incontinência má, cobiça feia,
São as causas deste erro principais.
Scilla por uma mata o velho pai,
Esta por ambas, contra o filho vai.



33

Canto III

**Mas já o Príncipe claro, o vencimento,
Do padrasto e da inica mãe levava,
Já lhe obedece a terra num momento,
Que primeiro contra ele pelejava;
Porém vencido de Ira o entendimento,
A mãe em ferros ásperos atava;
Mas de Deus foi vingada em tempo breve
Tanta veneração aos pais se deve.**



Eis se ajunta o soberbo Castelhano,
Para vingar a injúria de Teresa,
Contra o tão raro em gente Lusitano,
A quem nenhum trabalho agrava, ou pesa;
Em batalha cruel, o peito humano,
Ajudado da Angélica defesa,
Não só contra tal fúria se sustenta;
Mas o inimigo aspérrimo afugenta.



35

Canto III

**Não passa muito tempo, quando o forte
Príncipe, em Guimarães está cercado,
De infinito poder, que desta sorte,
Foi refazer-se o inimigo magoado;
Mas com se oferecer à dura morte,
O fiel Egas amo, foi livrado.
Que de outra arte pudera ser perdido,
Segundo estava mal apercebido.**



**Mas o leal vassalo conhecendo,
Que seu senhor não tinha resistência,
Se vai ao Castelhano, prometendo,
Que ele faria dar-lhe obediência.
Levanta o inimigo o cerco horrendo,
Fiado na promessa, e consciência
De Egas Moniz; mas não consente o peito
Do moço ilustre, a outrem ser sujeito.**



37

**Chegado tinha o prazo prometido,
Em que o Rei Castelhano já aguardava,
Que o Príncipe a seu mando submetido,
Lhe desse a obediência que esperava.
Vendo Egas, que ficava fementido,
O que dele Castela não cuidava,
Determina de dar a doce vida,
A troco da palavra mal cumprida.**



38

Canto III

E com seus filhos e mulher se parte,
A alevantar com eles a fiança,
Descalços, e despidos, de tal arte,
Que mais move a piedade que a vingança.
Se pretendes Rei alto de vingar-te,
De minha temerária confiança,
Dizia, eis aqui venho oferecido,
A te pagar com a vida o prometido.



39

Canto III

Vês aqui trago as vidas inocentes,
Dos filhos sem pecado, e da consorte,
Se a peitos generosos, e excelentes,
Dos fracos satisfaz a fera morte.
Vês aqui as mãos, e a língua delinquentes,
Nelas sós experimenta, toda a sorte
De tormentos, de mortes, pelo estilo
De Scinis, e do touro de Perilo.



40

Canto III

Qual diante do algoz o condenado,
Que já na vida a morte tem bebido,
Põe no cepo a garganta; e já entregado,
Espera pelo golpe tão temido;
Tal diante do Príncipe indignado,
Egas estava a tudo oferecido;
Mas o Rei vendo a estranha lealdade,
Mais pode enfim que a Ira a piedade.



Ó grão fidelidade Portuguesa,
De vassalo que a tanto se obrigava,
Que mais o Persa fez naquela empresa,
Onde rosto e narizes se cortava,
Do que ao grande Dario tanto pesa,
Que mil vezes dizendo suspirava,
Que mais o seu Zopiro são prezara,
Que vinte Babilónias que tomara.



42

Canto III

Mas já o Príncipe Afonso aparelhava,
O Lusitano exército ditoso,
Contra o Mouro que as terras habitava,
De além do claro Tejo deleitoso;
Já no campo de Ourique se assentava,
O arraial soberbo, e belicoso;
Defronte do inimigo Sarraceno,
Posto que em força e gente tão pequeno.



43

Canto III

Em nenhuma outra cousa confiado,
Senão no sumo Deus, que o Céu regia,
Que tão pouco era o povo baptizado,
Que, para um só cem Mouros haveria.
Julga qualquer juízo sossegado
Por mais temeridade que ousadia,
Cometer um tamanho ajuntamento,
Que para um cavaleiro houvesse cento.



44

Canto III

Cinco Reis Mouros são os inimigos,
Dos quais o principal Ismar se chama,
Todos experimentados nos perigos
Da guerra, onde se alcança a ilustre fama;
Seguem guerreiras Damas seus amigos,
Imitando a formosa e forte Dama,
De quem tanto os Troianos se ajudáram
E as que o Termodonte já gostáram.



45

Canto III

A matutina luz serena, e fria,
As estrelas do Pólo já apartava,
Quando na Cruz o filho de Maria,
Amostrando-se a Afonso o animava;
Ele adorando quem lhe aparecia,
Na Fé todo inflamado assim gritava.
Aos infiéis Senhor, aos infiéis,
E não a mim que creio o que podeis.



46

Canto III

**Com tal milagre, os ânimos da gente
Portuguesa, inflamados levantavam
Por seu Rei natural, este excelente
Príncipe, que do peito tanto amavam;
E diante do exército potente,
Dos inimigos, gritando o céu tocavam;
Dizendo em alta voz, real, real,
Por Afonso alto Rei de Portugal.**



47

Canto III

Qual com os gritos e vozes incitado,
Pela montanha o rabido Moloso,
Contra o Touro remete, que fiado
Na força está do corno temeroso;
Ora pega na orelha, ora no lado,
Latindo mais ligeiro que forçoso,
Até que enfim rompendo-lhe a garganta,
Do bravo a força horrenda se quebranta.



48

Canto III

Tal do Rei novo, o estômago acendido,
Por Deus, e pelo povo juntamente,
O Bárbaro comete apercebido,
Com o animoso exército rompente;
Levantam nisto os perros o alarido
Dos gritos, tocam a arma, ferve a gente,
As lanças e arcos tomam, tubas soam,
Instrumentos de guerra tudo atroam.



49

Canto III

**Bem como quando a flama, que ateada,
Foi nos áridos campos (assoprando
O sibilante Bóreas) animada
Com o vento, o seco mato vai queimando;
A pastoral companha, que deitada
Com o doce sono estava, despertando,
Ao estridor do fogo que se ateia,
Recolhe o fato, e foge para a aldeia.**



50

Canto III

Desta arte o Mouro atónito e turvado,
Toma sem tento as armas mui depressa
Não foge; mas espera confiado,
E o ginete belígero arremessa;
O Português o encontra denodado,
Pelos peitos as lanças lhe atravessa.
Uns caem meios mortos, e outros vão
A ajuda convocando do Alcorão.



51

Canto III

Ali se vêem encontros temerosos,
Para se desfazer uma alta serra,
E os animais correndo furiosos,
Que Neptuno amostrou ferindo a terra;
Golpes se dão medonhos, e forçosos,
Por toda a parte andava acesa a guerra;
Mas o de Luso, arnês, couraça e malha,
Rompe, corta, desfaz, abola e talha.



52

Canto III

Cabeças pelo campo vão saltando,
Braços, pernas, sem dono e sem sentido,
E doutros as entranhas palpitando,
Pálida a cor, o gesto amortecido.
Já perde o campo o exército nefando
Correm rios de sangue desparzido
Com que também do campo a cor se perde,
Tornado carmesim de branco e verde.



53

Canto III

Já fica vencedor o Lusitano
Recolhendo os troféus e presa rica,
Desbaratado e roto o Mauro Hispano,
Três dias o grão Rei no campo fica;
Aqui pinta no branco escudo ufano,
Que agora esta vitória certifica;
Cinco escudos azuis esclarecidos,
Em sinal destes cinco Reis vencidos.



54

Canto III

E nestes cinco escudos pinta os trinta
Dinheiros, porque Deus fora vendido,
Escrevendo a memória em vária tinta,
Daquele de quem foi favorecido,
Em cada um dos cinco, cinco pinta,
Porque assim fica o número cumprido;
Contando duas vezes o do meio,
Dos cinco azuis que em Cruz pintando veio.



55

Canto III

Passado já algum tempo, que passada
Era esta grão vitória, o Rei subido
A tomar vai Leiria, que tomada
Fora mui pouco havia, do vencido;
Com esta a forte Arronches subjugada
Foi juntamente; e o sempre enobrecido
Scalabicastro, cujo campo ameno,
Tu claro Tejo regas tão sereno.



56

Canto III

A estas nobres vilas submetidas,
Ajunta também Mafra, em pouco espaço,
E nas serras da Lua conhecidas,
Subjuga a fria Sintra, o duro braço,
Sintra, onde as Naiades escondidas
Nas fontes, vão fugindo ao doce laço;
Onde Amor as enreda brandamente,
Nas águas acendendo fogo ardente.



57

E tu nobre Lisboa, que no Mundo,
Facilmente das outras és princesa,
Que edificada foste do facundo,
Por cujo engano foi Dardânia acesa;
Tu a quem obedece o Mar profundo,
Obedeceste à força Portuguesa;
Ajudada também da forte armada,
Que das Boreais partes foi mandada.



58

Canto III

Lá do Germânico Albis, e do Reno,
E da fria Bretanha conduzidos,
A destruir o povo Sarraceno,
Muitos com tensão santa eram partidos.
Entrando a boca já, do Tejo ameno,
Com o arraial do grande Afonso unidos;
Cuja alta fama então subia aos céus,
Foi posto cerco dos muros Ulisseus.



59

Canto III

Cinco vezes a Lua se escondera,
E outras tantas mostrara cheio o rosto,
Quando a Cidade entrada se rendera,
Ao duro cerco, que lhe estava posto.
Foi a batalha tão sanguina e fera,
Quanto obrigava o firme pressuposto;
De vencedores ásperos, e ousados,
E de vencidos, já desesperados.



60

Canto III

Desta arte enfim tomada se rendeu,
Aquela que, nos tempos já passados,
À grande força nunca obedeceu,
Dos frios povos Sciticos ousados;
Cujo poder a tanto se estendeu,
Que o Ibero o viu, e o Tejo amedrontados.
E enfim com o Bétis tanto alguns puderam,
Que à terra de Vandália nome deram.



61

Canto III

**Que cidade tão forte, por ventura
Haverá que resista, se Lisboa
Não pode resistir à força dura
Da gente, cuja fama tanto voa.
Já lhe obedece toda a Estremadura,
Óbidos, Alenquer, por onde soa
O tom das frescas águas entre as pedras,
Que murmurando lava, e Torres Vedras.**



62

Canto III

E vós também, ó terras transtaganas,
Afamadas com o dom da flava Ceres,
Obedeceis às forças mais que humanas,
Entregando-lhe os muros e os poderes.
E tu lavrador Mouro, que te enganas,
Se sustentar a fértil terra queres.
Que Elvas, e Moura, e Serpa conhecidas,
E Alcácer-do-Sal, estão rendidas.



63

Canto III

**Eis a nobre Cidade, certo assento,
Do rebelde Sertório antigamente,
Onde ora as águas nítidas de argento,
Vêm sustentar de longe a terra, e a gente,
Pelos arcos reais, que cento e cento
Nos ares se alevantam nobremente.
Obedeceu, por meio e ousadia
De Giraldo, que medos não temia.**



64

Canto III

Já na cidade Beja vai tomar,
Vingança de Trancoso destruída,
Afonso que não sabe sossegar,
Por estender com a fama a curta vida;
Não se lhe pode muito sustentar
A Cidade; mas sendo já rendida,
Em toda a cousa viva, a gente irada,
Provando os fios vai da dura espada.



65

Canto III

**Com estas subjugada foi Palmela,
E a piscosa Sesimbra e juntamente
Sendo ajudado mais de sua estrela
Desbarata um exército potente;
Sentiu-o a vila, e viu-o a serra dela,
Que a socorrê-la vinha diligente
Pela fralda da serra descuidado
Do temeroso encontro inopinado.**



66

Canto III

**O Rei de Badajoz era alto Mouro,
Com quatro mil cavalos furiosos,
Inúmeros peões, de armas e de ouro
Guarnecidos, guerreiros e lustrosos;
Mas qual no mês de Maio o bravo Touro
Com os ciúmes da vaca, arreceosos,
Sentindo gente o bruto e cego amante
Salteia o descuidado caminhante.**



67

Canto III

Desta arte Afonso súbito mostrado
Na gente dá, que passa bem segura,
Fere, mata, derriba denodado,
Foge o Rei Mouro, e só da vida cura,
Dum Pânico terror todo assombrado,
Só de segui-lo o exército procura.
Sendo estes que fizeram tanto abalo,
Não mais que só sessenta de cavalo.



68

Canto III

Logo segue a vitória sem tardança,
O grão Rei incansável, ajuntando
Gentes de todo o Reino, cuja usança
Era andar sempre terras conquistando,
Cercar vai Badajoz, e logo alcança
O fim de seu desejo, pelejando
Com tanto esforço e arte, e valentia,
Que a fez fazer às outras companhia.



69

Canto III

Mas o alto Deus, que para longe guarda,
O castigo daquele que o merece,
Ou, para que se emende às vezes tarda,
Ou por segredos que homem não conhece
Se até aqui sempre o forte Rei resguarda,
Dos perigos a que ele se oferece.
Agora lhe não deixa ter defesa,
Da maldição da mãe que estava presa.



Que estando na cidade que cercara,
Cercado nela foi dos Leoneses,
Porque a conquista dela lhe tomara,
De Leão sendo, e não dos Portugueses;
A pertinácia aqui lhe custa cara,
Assim como acontece muitas vezes,
Que em ferros quebra as pernas, indo aceso,
À batalha onde foi vencido e preso.



Ó famoso pompeio não te pene,
De teus feitos ilustres a ruína,
Nem ver que a justa Némesis ordene,
Ter teu sogro de ti vitória digna,
Posto que o frio Fásis, ou Siene,
Que para nenhum cabo a sombra inclina;
O Bootes gelado, e a linha ardente,
Temessem o teu nome geralmente.



72

Canto III

Posto que a rica Arábia, e que os ferozes
Heníocos, e Colcos, cuja fama
O véu dourado estende; e os Capadoces,
E Judeia, que um Deus adora e ama,
E que o moles Sofenos, e os Atrozes,
Silícios, com a Arménia, que derrama,
As águas dos dois Rios, cuja fonte
Está noutro mais alto e Santo Monte.



73

Canto III

E posto enfim que desde o mar de Atlante,
Até o Scitico Tauro, monte erguido
Já vencedor te vissem, não te espante
Se o campo Emathio só te viu vencido,
Porque Afonso verás soberbo e ovante
Tudo render, e ser depois rendido.
Assim o quis o conselho alto e celeste,
Que vença o sogro a ti, e o genro a este.



74

Canto III

Tornado o Rei sublime finalmente,
Do divino Juízo castigado,
Depois que em Santarém soberbamente,
Em vão dos Sarracenos foi cercado.
E depois que do Mártir Vicente,
O santíssimo corpo venerado.
Do sacro promontório conhecido
À cidade Ulisseia foi trazido.



75

Canto III

Porque levasse avante seu desejo,
Ao forte filho manda o lasso velho,
Que às terras se passasse de Alentejo,
Com gente, e com o belígero aparelho;
Sancho, de esforço o de ânimo sobejo,
Avante passa, e faz correr vermelho
O rio que Sevilha vai regando,
Com o sangue Mauro, bárbaro e nefando.



76

Canto III

E, com esta vitória cobiçoso,
Já não descansa o moço até que veja,
Outro estrago como este, temeroso
No bárbaro que tem cercado Beja.
Não tarda muito o Príncipe ditoso,
Sem ver o fim daquilo que deseja.
Assim estragado o Mouro, na vingança
De tantas perdas põe sua esperança.



Já se ajuntam do monte, a quem Medusa
O corpo fez perder, que teve o Céu;
Já vêm do promontório de Ampelusa,
E do Tinge que assento foi de Anteu.
O morador de Abila não se escusa,
Que também com suas armas se moveu;
Ao som da Mauritana e ronca tuba,
Todo o Reino que foi do nobre Juba.



78

Canto III

Entrava com toda esta companhia,
O Miralmomini em Portugal,
Treze Reis mouros leva de valia,
Entre os quais tem o ceptro Imperial.
E assim fazendo quanto mal podia,
O que em partes podia fazer mal.
Dom Sancho vai cercar em Santarém,
Porém não lhe sucede muito bem.



Dá-lhe combates ásperos, fazendo
Ardis de guerra mil, o Mouro iroso,
Não lhe aproveita já trabuco horrendo,
Mina secreta, Ariete forçoso;
Porque o filho de Afonso, não perdendo
Nada do esforço, e acordo generoso,
Tudo provê com ânimo e prudência,
Que em toda a parte há esforço e resistência.



80

Canto III

Mas o velho a quem tinham já obrigado
Os trabalhosos anos ao sossego,
Estando na cidade, cujo prado
Enverdecem as águas do Mondego;
Sabendo como o filho está cercado,
Em Santarém, do Mauro povo cego,
Se parte diligente da Cidade,
Que não perde a presteza com a idade.



81

Canto III

E com a famosa gente à guerra usada,
Vai socorrer o filho, e assim ajuntados,
A Portuguesa fúria costumada,
Em breve os Mouros tem desbaratados;
A campina que toda está coalhada
De marlotas, capuzes variados,
De cavalos, jaezes, presa rica,
De seus senhores mortos cheia fica.



Logo todo o restante se partiu,
De Lusitânia, postos em fugida,
O Miralmomini só não fugiu,
Porque antes de fugir lhe foge a vida.
A quem lhe esta vitória permitiu,
Dão louvores e graças sem medida;
Que em casos tão estranhos claramente,
Mais peleja o favor de Deus que a gente.



83

Canto III

De tamanhas vitórias triunfava,
O velho Afonso, Príncipe subido,
Quando quem tudo enfim vencendo andava,
Da larga, e muita idade foi vencido,
A pálida doença lhe tocava,
Com fria mão o corpo enfraquecido;
E pagaram seus anos deste jeito,
À triste Libitina seu direito.



84

Canto III

Os altos promontórios o choraram,
E dos rios as águas saudosas,
Os semeados campos alagaram,
Com lágrimas correndo piedosas;
Mas tanto pelo mundo se alargaram,
Com fama, suas obras valorosas,
Que sempre no seu Reino chamarão
Afonso, Afonso os ecos, mas em vão.



85

Canto III

Sancho forte mancebo, que ficara
Imitando seu pai na valentia,
E que em sua vida já se experimentara,
Quando o Bétis de sangue se tingia,
E o bárbaro poder desbaratara,
Do Ismaelita Rei de Andaluzia.
E mais quando os que Beja em vão cercaram,
Os golpes de seu braço em si provaram.



86

Canto III

Depois que foi por Rei alevantado,
Havendo poucos anos que reinava,
A cidade de Silves tem cercado,
Cujos campos o Bárbaro lavrava;
Foi das valentes gentes ajudado,
Da Germânica armada que passava;
De armas fortes e gente apercebida,
A recobrar Judeia já perdida.



87

Canto III

**Passavam a ajudar na santa empresa,
O roxo Federico, que moveu
O poderoso exército, em defesa
Da cidade onde Cristo padeceu,
Quando Guido com a gente em sede acesa,
Ao grande Saladino se rendeu;
No lugar onde aos Mouros sobejavam,
As águas que os de guido desejavam.**



88

Canto III

Mas a formosa armada, que viera
Por contraste de vento, àquela parte
Sancho quis ajudar na guerra fera,
Já que em serviço vai, do santo Marte
Assim como a seu pai acontecera,
Quando tomou Lisboa, da mesma arte,
Do Germano ajudado Silves toma,
E o bravo morador destrói e doma.



89

Canto III

E se tantos troféus do Mahometa,
Alevantando vai também do forte
Leonês, não consente estar quieta
A terra usada aos casos de Mavorte;
Até que na cerviz seu jugo meta
Da soberba Tui, que a mesma sorte,
Viu ter a muitas vilas suas vizinhas
Que por armas tu Sancho humildes tinhas.



Mas entre tantas palmas salteado
Da temerosa morte, fica herdeiro,
Um filho seu de todos estimado,
Que foi segundo Afonso, e Rei terceiro
No tempo deste, aos Mouros foi tomado
Alcácer-do-Sal por derradeiro;
Porque de antes os Mouros o tomaram,
Mas agora estruídos o pagaram.



91

Canto III

Morto depois Afonso lhe sucede
Sancho segundo, manso e descuidado,
Que tanto em seus descuidos se desmede,
Que de outrem quem mandava era mandado,
De governar o Reino que outro pede,
Por causa dos privados foi privado,
Porque como por eles se regia,
Em todos os seus vícios consentia.



92

Não era Sancho não tão desonesto,
Como Nero, que um moço recebia
Por mulher, e depois horrendo incesto,
Com a mãe Agripina cometia;
Nem tão cruel às gentes e molesto,
Que a cidade queimasse onde vivia,
Nem tão mau como foi Helio gabá-lo,
Nem como o mole Rei Sardanapálo.



93

Canto III

Nem era o povo seu tiranizado,
Como Sicília foi de seus tiranos,
Nem tinha, como Phalaris achado,
Gênero de tormentos inumanos;
Mas o Reino de altivo, e costumado
A senhores em tudo soberanos.
A Rei não obedece, nem consente,
Que não for mais que todos excelente.



94

Canto III

Por esta causa o Reino governou,
O Conde Bolonhês, depois alçado
Por Rei, quando da vida se apartou,
Seu irmão Sancho, sempre ao ócio dado
Este que Afonso o bravo se chamou,
Depois de ter o Reino segurado;
Em dilatá-lo cuida, que em terreno
Não cabe o altivo peito tão pequeno.



95

Canto III

Da terra dos Algarves, que lhe fora
Em casamento dada, grande parte,
Recupera com o braço, e deita fora
O Mouro mal querido já de Marte;
Este de todo fez livre e senhora
Lusitânia, com força e bélica arte;
E acabou de oprimir a nação forte,
Na terra que aos de Luso coube em sorte.



96

Canto III

Eis depois vem Dinis, que bem parece,
Do bravo Afonso estirpe nobre e digna,
Com quem a fama grande se escurece,
Da liberalidade Alexandrina.
Com este o Reino próspero floresce
(Alcançada já a paz áurea divina)
Em constituições, leis e costumes,
Na terra já tranquila claros lumes.



97

Canto III

Fez primeiro em Coimbra exercitar-se,
O valoroso ofício de Minerva,
E de Helicona as Musas fez passar-se,
A pisar do Mondego a fértil erva;
Quanto pode de Atenas desejar-se,
Tudo o soberbo Apolo aqui reserva.
Aqui as capelas dá tecidas de ouro,
Do Bácaro, e do sempre verde louro.



98

Canto III

Nobres vilas de novo edificou,
Fortalezas, castelos mui seguros,
E quase o Reino todo reformou,
Com edifícios grandes, e altos muros;
Mas, depois que a dura Atropos cortou,
O fio de seus dias já maduros;
Ficou-lhe o filho pouco obediente,
Quarto Afonso; mas forte e excelente.



Este sempre as soberbas Castelhanas,
Com o peito desprezou firme e sereno,
Porque não é das forças Lusitanas,
Temer poder maior, por mais pequeno;
Mas porém quando as gentes Mauritanas
A possuir o Esperico terreno,
Entraram pelas terras de Castela,
Foi o soberbo Afonso a socorrê-la.



Nunca com Semiramis, gente tanta
Veio os campos Ydaspicos enchendo,
Nem Átila, que Itália toda espanta,
Chamando-se de Deus açoute horrendo,
Gótica gente trouxe tanta, quanta
Do Sarraceno bárbaro estupendo,
Com o poder excessivo de Granada
Foi nos campos Tartéssios ajuntada.



101

Canto III

E vendo o Rei sublime Castelhano,
A força inexpugnável, grande e forte,
Temendo mais o fim do povo Hispano,
Já perdido uma vez, que a própria morte
Pedindo ajuda ao forte Lusitano,
Lhe mandava a caríssima consorte,
Mulher de quem a manda, e filha amada
Daquele a cujo Reino foi mandada.



102

Canto III

Entrava a formosíssima Maria,
Pelos paternais paços sublimados,
Lindo o gesto; mas fora de alegria,
E seus olhos em lágrimas banhados.
Os cabelos Angélicos trazia,
Pelos ebúrneos ombros espalhados;
Diante do pai ledo, que a agasalha,
Estas palavras tais chorando espalha.



103

Canto III

Quantos povos a terra produziu
De África toda gente fera e estranha,
O grão Rei de Marrocos conduziu
Para vir possuir a nobre Espanha;
Poder tamanho junto não se viu,
Depois que o salso Mar a terra banha.
Trazem ferocidade, e furor tanto,
Que a vivos medo, e a mortos faz espanto.



104

Canto III

Aquele que me deste por marido,
Por defender sua terra amedrontada,
Com o pequeno poder, oferecido
Ao duro golpe está, da Maura espada,
E se não for contigo socorrido,
Ver-me-ás dele e do Reino ser privada,
Viúva e triste, e posta em vida escura,
Sem marido, sem Reino, e sem ventura.



105

Canto III

Portanto, ó Rei, de quem com puro medo,
O corrente Muluca se congela,
Rompe toda a tardança, acode cedo,
À miseranda gente de Castela.
Se esse gesto que mostras claro e ledo,
De pai o verdadeiro amor assela;
Acode e corre pai, que se não corres,
Pode ser que não aches quem socorres.



106

Canto III

Não de outra sorte a tímida Maria
Falando está, que a triste Vénus, quando
A Júpiter seu pai favor pedia,
Para Eneias seu filho, navegando
Que a tanta piedade o comovia,
Que caído das mãos o raio infando,
Tudo o clemente Padre lhe concede,
Pesando-lhe do pouco que lhe pede.



107

Canto III

Mas já com os esquadrões da gente armada,
Os Eborenses campos vão coalhados,
Lustra com o Sol o arnês, a lança, a espada,
Vão rinchando os cavalos jaezados;
A canora trombeta embandeirada
Os corações à paz acostumados;
Vai às fulgentes armas incitando
Pelas concavidades retumbando.



108

Canto III

**Entre todos no meio se sublima,
Das insígnias Reais acompanhado,
O valoroso Afonso, que por cima
De todos, leva o colo alevantado,
E somente com o gesto esforça e anima,
A qualquer coração amedrontado.
Assim entra nas terras de Castela,
Com a filha gentil Rainha dela.**



Juntos os dois Afonsos finalmente,
Nos campos de Tarifa, estão defronte
Da grande multidão da cega gente,
Para quem são pequenos campo e monte.
Não há peito tão alto e tão potente,
Que de desconfiança não se afronte,
Enquanto não conheça, e claro veja,
Que com o braço dos seus Cristo peleja.



110

Canto III

Estão de Agar os netos quase rindo,
Do poder dos Cristãos fraco e pequeno,
As terras como suas repartindo,
Antemão, entre o exército Agareno;
Que com título falso possuindo
Está o famoso nome Sarraceno,
Assim também com falsa conta e nua,
À nobre terra alheia chamam sua.



Qual o membrudo e bárbaro Gigante,
Do Rei Saul, com causa tão temido,
Vendo o Pastor inerme estar diante,
Só de pedras e esforço apercebido,
Com palavras soberbas e arrogante,
Despreza o fraco moço mal vestido;
Que rodeando a funda o desengana,
Quanto mais pode a Fé que a força humana.



112 **Canto III**

**Desta arte o Mouro pérfido despreza
O poder dos Cristãos, e não entende,
Que está ajudado da alta fortaleza,
A quem o Inferno horrífico se rende.
Com ela o Castelhano, e com destreza
De Marrocos o Rei comete e ofende.
O Português que tudo estima em nada,
Se faz temer ao Reino de Granada.**



113

Canto III

Eis as lanças e espadas retiniam,
Por cima dos arneses, bravo estrago,
Chamam (segundo as leis que ali seguiam),
Uns Mafamede, e os outros Santiago,
Os feridos com grita o Céu feriam,
Fazendo de seu sangue bruto lago,
Onde outros meio mortos se afogavam,
Quando do ferro as vidas escapavam.



Com esforço tamanho estrue e mata,
O Luso ao Granadil, que em pouco espaço,
Totalmente o poder lhe desbarata,
Sem lhe valer defesa, ou peito de aço;
De alcançar tal vitória tão barata
Ainda não bem contente o forte braço,
Vai ajudar ao bravo Castelhano,
Que pelejando está com o Mauritano.



115

Canto III

**Já se ia o Sol ardente recolhendo
Para a casa de Tethys, e inclinado
Para o Ponente, o Véspero trazendo,
Estava o claro dia memorado,
Quando o poder do Mouro, grande e horrendo,
Foi pelos fortes Reis desbaratado,
Com tanta mortandade, que a memória
Nunca no mundo viu tão grande vitória.**



116 **Canto III**

**Não matou a quarta parte o forte Mário,
Dos que morreram neste vencimento,
Quando as águas com o sangue do adversário
Fez beber ao exército sedento,
Nem o Peno asperíssimo contrário,
Do Romano poder de nascimento;
Quando tantos matou da ilustre Roma,
Que alqueires três de anéis dos mortos toma.**



E se tu tantas almas só pudeste,
Mandar ao Reino escuro de Cocito,
Quando a santa Cidade desfizeste
Do povo pertinaz no antigo rito;
Permissão e vingança foi celeste,
E não força de braço, ó nobre Tito,
Que assim dos Vates foi profetizado,
E depois de JESU certificado.



Passada esta tão próspera vitória,
Tornando Afonso à Lusitana terra,
A se lograr da paz com tanta glória,
Quanta soube ganhar na dura guerra;
O caso triste, e digno da memória,
Que do sepulcro os homens desenterra,
Aconteceu da mísera, e mesquinha
Que depois de ser morta foi Rainha.



119

Canto III

Tu só, tu puro amor com força crua,
Que os corações humanos tanto obriga,
Deste causa à molesta morte sua,
Como se fora pérfida inimiga;
Se dizem fero Amor que a sede tua,
Nem com lágrimas tristes se mitiga;
É porque queres áspero e tirano
Tuas aras banhar em sangue humano.



120 **Canto III**

**Estavas linda Inês posta em sossego
De teus anos, colhendo doce fruto,
Naquele engano da alma, ledo e cego,
Que a fortuna não deixa durar muito,
Nos saudosos campos do Mondego,
De teus formosos olhos nunca enxuto,
Aos montes ensinando, e às ervinhas
O nome que no peito escrito tinhas.**



Do teu Príncipe ali te respondiam,
As lembranças que na alma lhe moravam,
Que sempre ante seus olhos te traziam,
Quando dos teus formosos se apartavam
De noite em doces sonhos, que mentiam,
De dia, em pensamentos que voavam.
E quanto enfim cuidava, e quanto via,
Eram tudo memórias de alegria.



122

De outras belas senhoras, e Princesas,
Os desejados tálamos enjeita,
Que tudo enfim, tu puro amor desprezas,
Quando um gesto suave te sujeita;
Vendo estas namoradas estranhezas,
O velho pai sisudo, que respeita
O murmurar do povo e a fantasia
Do filho, que casar-se não queria.



Tirar Inês ao mundo determina,
Por lhe tirar o filho que tem preso,
Crendo com o sangue só da morte indigna,
Matar do firme amor o fogo aceso;
Que furor consentiu, que a espada fina,
Que pode sustentar o grande peso
Do furor Mauro, fosse alevantada,
Contra uma fraca dama delicada.



124

Canto III

Traziam-na os horríficos algozes,
Ante o Rei, já movido a piedade;
Mas o povo com falsas, e ferozes
Razões, à morte crua o persuade;
Ela com tristes o piedosas vozes,
Saídas só da mágoa, e saudade
Do seu Príncipe, e filhos que deixava,
Que mais que a própria morte a magoava.



125

Canto III

Para o Céu cristalino alevantando,
Com lágrimas, os olhos piedosos,
Os olhos, porque as mãos lhe estava atando,
Um dos duros ministros rigorosos;
E depois nos meninos atentando,
Que tão queridos tinha, e tão mimosos,
Cuja orfandade como mãe temia,
Para o avô cruel assim dizia.



126

Canto III

Se já nas brutas feras, cuja mente
Natureza fez cruel de nascimento,
E nas aves agrestes, que somente
Nas rapinas aéreas têm o intento,
Com pequenas crianças viu a gente,
Terem tão piedoso sentimento,
Como com a mãe de Nino já mostraram,
E com os irmãos que Roma edificaram.



127

Canto III

**Ó tu que tens de humano o gesto e o peito,
(Se de humano é, matar uma donzela
Fraca e sem força, só por ter sujeito
O coração, a quem soube vencê-la).
A estas criancinhas tem respeito,
Pois o não tens à morte escura dela,
Mova-te a piedade sua e minha,
Pois te não move a culpa que não tinha.**



128

Canto III

E se vencendo a Maura resistência,
A morte sabes dar com fogo e ferro,
Sabe também dar vida com clemência,
A quem para perdê-la não fez erro;
Mas se to assim merece esta inocência,
Põe-me em perpétuo e mísero desterro,
Na Scitia fria, ou lá na Líbia ardente,
Onde em lágrimas viva eternamente.



Põe-me onde se use toda a feridade,
Entre Leões, e Tigres, e verei
Se neles achar posso a piedade
Que entre peitos humanos não achei;
Ali com o amor intrínseco e vontade,
Naquele por quem mouro, criarei
Estas relíquias suas que aqui viste,
Que refrigério sejam da mãe triste.



130

Canto III

Queria perdoar-lhe o Rei benigno,
Movido das palavras que o magoam;
Mas o pertinaz povo, e seu destino
(Que desta sorte o quis) lhe não perdoam.
Arrancam das espadas de aço fino,
Os que por bom tal feito ali apregoam,
Contra uma dama, ó peitos carniceiros
Feros vos amostrais, e cavaleiros.



131

Canto III

**Qual contra a linda moça Policena,
Consolação extrema da mãe velha,
Porque a sombra de Aquiles a condena,
Com o ferro o duro Pirro se aparelha;
Mas ela os olhos com que o ar serena,
(Bem como paciente, e mansa ovelha)
Na mísera mãe postos, que endoudece
Ao duro sacrifício se oferece.**



**Tais contra Inês os brutos matadores,
No colo de alabastro, que sustinha
As obras com que amor matou de amores
Aquele que depois a fez Rainha;
As espadas banhando, e as brancas flores,
Que ela dos olhos seus regadas tinha,
Se encarniçavam, férvidos e irosos,
No futuro castigo não cuidosos.**



Bem puderas, ó Sol, da vista destes
Teus raios apartar aquele dia,
Como da seva mesa de Tiestes,
Quando os filhos por mão de Atreu comia.
Vós, ó côncavos vales que pudestes,
A voz extrema ouvir da boca fria
O nome do seu Pedro que ouvistes,
Por muito grande espaço repetistes.



Assim como a bonina que cortada,
Antes do tempo foi, cândida e bela,
Sendo das mãos lascivas maltratada,
Da menina que a trouxe na capela;
O cheiro traz perdido, e a cor murchada;
Tal está, morta a pálida donzela,
Secas do rosto as rosas, e perdida
A branca e viva cor, com a doce vida.



135

Canto III

As filhas do Mondego, a morte escura
Longo tempo chorando memoraram,
E, por memória eterna em fonte pura
As lágrimas choradas transformaram;
O nome lhe puseram, que ainda dura,
Dos amores de Inês que ali passaram.
Vede que fresca fonte rega as flores,
Que lágrimas são a água, e o nome amores.



136

Canto III

Não correu muito tempo que a vingança
Não visse Pedro das mortais feridas,
Que, em tomando do Reino a governança,
A tomou dos fugidos homicidas;
Do outro Pedro cruíssimo os alcança,
Que ambos inimigos das humanas vidas,
O concerto fizeram duro e injusto,
Que com Lépido, e António fez Augusto.



**Este castigador foi rigoroso,
De latrocínios, mortes e adultérios,
Fazer nos maus cruezas, fero e iroso,
Eram os seus mais certos refrigérios;
As cidades guardando justiçoso,
De todos os soberbos vitupérios,
Mais ladrões, castigando à morte deu,
Que o vagabundo Alcides, ou Theseu.**



138

Canto III

Do justo e duro Pedro nasce o brando
(Vede da natureza o desconcerto)
Remisso, e sem cuidado algum Fernando
Que todo o Reino pôs em muito aperto
Que, vindo o Castelhano devastando
As terras sem defesa, esteve perto
De destruir-se o Reino totalmente,
Que um fraco Rei faz fraca a forte gente.



139

Canto III

Ou foi castigo claro do pecado,
De tirar Lianor a seu marido,
E casar-se com ela de enlevado,
Num falso parecer mal entendido;
Ou foi que o coração sujeito, e dado
Ao vício vil, de quem se viu rendido,
Mole se fez, e fraco, e bem parece
Que um baixo amor os fortes enfraquece.



Do pecado tiveram sempre a pena
Muitos, que Deus o quis, e permitiu;
Os que foram roubar a bela Helena,
E com Ápio também Tarquino o viu;
Pois por quem David Santo se condena?
Ou quem o Tribo ilustre destruiu
De Benjamim? Bem claro no-lo ensina,
Por Sarra Faraó, Sychem por Dina.



141

E pois se os peitos fortes enfraquece
Um inconcesso amor desatinado,
Bem no filho de Alcmena se parece,
Quando em Ônfale andava transformado,
De Marco António a fama se escurece,
Com ser tanto a Cleópatra afeiçoado;
Tu também Peno próspero o sentiste,
Depois que uma moça vil na Apúlia viste.



142

Canto III

Mas quem pode livrar-se por ventura,
Dos laços que amor arma brandamente
Entre as rosas e a neve humana pura,
O ouro, e o alabastro transparente
Quem de uma peregrina formosura
De um vulto de Medusa propriamente
Que o coração converte que tem preso,
Em pedra não; mas em desejo aceso.



143

Canto III

Quem viu um olhar seguro, um gesto brando
Uma suave e Angélica excelência,
Que em si está sempre as almas transformando,
Que tivesse contra ela resistência;
Desculpado por certo está Fernando,
Para quem tem de amor experiência;
Mas antes tendo livre a fantasia,
Por muito mais culpado o julgaria.